

JAMINAUA-ARARA

Um grupo de descendentes de dois grupos distintos se acha, atualmente, espalhado pelas cabeceiras dos rios Tejo, Bajé, e Humaitá (Riozinho do Vale) com algumas famílias Jurua-Mirim. A dificuldade de acesso dessas cabeceiras impossibilitou visitas a todas as colocações. As informações obtidas dos regionais, no Rio Juruá, indicava que todos esses índios espalhados eram fragmentos de um único grupo chefiado por um índio chamado Crispim. Por este motivo resolvi subir o rio Bajé para visitar o grupo de Crispim, enquanto Arno Vogel subiu o Amônia para levantar grupos indígenas deste rio. O Bajé é um rio pior do que o Breu; mais estreito, mais difícil de subir, e o grupo de Crispim era acessível somente por terra do depósito Seringueirinha. Vários regionais comentaram com uma certa satisfação que para subir o rio Bajé e chegar aos índios eu teria que enfrentar todos os tipos de pragas imagináveis. O que deveria ter sido um dia longo de viagem foi um dia e meio porque o barco virou numa cachoeira, e foi necessário cortar muitas árvores caídas. O grupo do Crispim fica a umas oito horas, a pé, do depósito da borracha Seringueirinha, no alto Bajé, na colocação Bananal, ao braço direito do Bajé. Choveu na ida e o caminho estava alagado na volta.

Uma vez lá, encontrei Crispim. Crispim é famoso na região por ser filho de criação de um Coronel de Barranco, Absolom Moreira. Ele foi criado em Manaus e no Rio de Janeiro, voltando eventualmente para a região da sua origem onde se casou com umas 10 mulheres (não todas de uma vez). E além de ser chefe de um grupo ele é curandeiro das populações regionais. "O único médico do alto Juruá" várias pessoas disseram. Além de curar, ele tem fama de ter matado pessoas, tanto a faca e bala, quanto com magia. Quando chegamos na colocação dele, lá estava uma mulher com uma filha doente, para que Crispim fizesse orações sobre essa filha. Crispim é uma figura central deste relatório sobre os Jamináua-Arara. Em parte, porque muita informação vem dele. Mas também porque o grupo que fica no Seringal Bajé permanece lá porque Crispim se recusa a mudar para uma outra área onde -- todo mundo concorda -- o patrão é um pouco melhor. Crispim está agora velho e muito fraco, além de completamente surdo. Muita informação foi fornecida por uma nora do Crispim, Maria, e de um Arara, João, que mora também na colocação.

Mais uma vez é importante salientar que não estou satisfeito com os dados que consegui no tempo que passei com Crispim, mas a água estava subindo, rapidamente, e era necessária a nossa

112 M 24 17
saída (antes de ficarmos ilhados no Bananal), aproveitando a água para descer. Várias pessoas recomendaram vir na época da seca, quando pelo menos é possível caminhar.

1. Histórico da Aldeia (do grupo agora espalhado).

Há indicações de que o grupo Jaminãua subiu o Riozinho da Liberdade e chegou a região do Bajé e cabeceiras do Tejo. Crispim sustenta que a região sempre foi dos índios Arara, os quais tiveram muitas malocas lá. Ele diz que durante muito tempo os grupos indígenas brigaram entre si, e que sobreviveram apenas duas malocas. Numa epidemia de sarampo uma das malocas foi quase exterminada. Os remanescentes foram para o rio Juruá-Mirim. Da outra maloca, também Arara, os que sobreviveram ficaram na região. Em 1966 as famílias que hoje se acham no Tejo e riozinho Humaitá - (Cruzeiro do Vale) estavam todas morando juntas na Colocação Monte Alegre. Depois desta data começaram a se espalhar. Os índios que restaram estão lá porque Crispim se recusa deixar a região. Eles dizem que o patrão é muito duro, ameaça-os com a polícia, maltrata-os, e diz que gostaria que todos os índios morressem logo. Obviamente, o encarregado Francisco Praxedes Bessa, não disse isto a mim. Mas salientou que ele trabalhava para faturar nas colocações, e que muitas pessoas não trabalhavam. Se Crispim morrer, é provável que os sobreviventes deixem a área. Mas foi várias vezes dito para mim que todas as pessoas morando longe nasceram no Bajé, e querem morar no Bajé.

2. Situação atual

Tipo de assistência. Não há escola no seringal; não há nenhum tipo de assistência médica. Para comprar remédios eles tem que ir a Seringueirinha ou comprar fora do seringal - os varadouros entre todos os rios da região (perto de onde eles estão) facilitam este tipo de comércio, e esta é uma das razões por que o patrão fica "brabo". Crispim tentou registrar-se no FUNRURAL, mas não tem condições de ir para Cruzeiro do Sul e recolher o seu pagamento. É difícil sair do alto Bajé, e ele está bastante fraco. Os homens do grupo cortam seringa, e compram no barracão do depósito de borracha (Seringueirinha). Um regional diz que os índios estão piores do que os outros; "os filhos andam nus porque não tem pano. Estão sem assistência nenhuma. Estão pior do que a gente." O grupo não tem uma identificação forte, há muitos casamentos interétnicos, e os filhos não aprendem a língua indígena.

2.1. Relações com outros grupos indígenas

Não visitam muito outros grupos indígenas. Quin

do Crispim era mais jovem, visitou os Kaxinaua do Jordão, levando membros da sua família. Mas recentemente este contato foi perdido. Mantém contato com seus parentes, e há muitas visitas entre os grupos. Não conhecem outros grupos do Juruá. Dentro do grupo existem certos conflitos: é difícil saber porque estão em três seringais diferentes. Uma informante disse que se davam melhor com os regionais do que entre si - mas era nora do Crispim e existem conflitos sobre a alocação de recursos dentro dessa família. Mas a natureza do conflito é desconhecido. Um Arara afirmou que todos morariam juntos numa gleba de terra, se a tivessem. Mas não havia o mesmo tipo de identificação étnica dos Kaxinaua. Também este "grupo" que descrevo é o resultado de casamentos entre Jaminaua e Arara (e Crispim é Kaxinaua). Eles falam (entre si) somente uma língua. A própria natureza da formação do grupo talvez tenha sido um dos mecanismos responsáveis pela sua desintegração.

Preciso salientar que é sempre possível que, com uma reserva demarcada, criassem uma identidade em torno da sua identificação com uma área. Esta possibilidade tem que ser considerada na implementação de uma política indigenista.

2.2. Relações com regionais

As relações com regionais são aparentemente boas. Crispim casou com três regionais, e vários dos seus filhos, filhas, e parentes também casaram, assim curou muitas pessoas que moram na região, por isso é respeitado. Havia vários regionais lá quando chegamos: uma mulher com a filha doente, duas filhas adolescentes, o namorado de uma delas, e o encarregado do seringal vizinho, Divisão. Quando nós nos preparávamos pra sair, chegou um outro regional, de visita. Se há conflitos, estes ocorrem por causa de comida: os índios (disse um regional) escondem sua comida dos visitantes e comem no escuro. Com o movimento que eu vi lá, isto é inteligível. Agora que se espalharam os índios estão em minoria no seringal. Há 38 pessoas no livro de Seringueirinha dos quais não mais de quatro são índios. Por outro lado, disseram que muitas colocações estão vazias, porque ninguém quer morar nos centros.

2.3. Relações com os Patrões

As relações com Francisco Praxedes Bessa estão péssimas. Contam que Crispim voltou de Cruzeiro do Sul, depois de muito tempo doente, e que Francisco se recusou a levar Crispim de

volta. Nesta ocasião teria dito que gostaria que todos morressem. Finalmente, dizem os índios e os regionais, a mulher do Sr. Francisco convenceu seu marido a dar transporte. Logo depois Sr. Francisco insistiu que os índios do Bananal matassem a única vaca que tinham e, conseqüentemente, ficaram sem criação bovina. A pressão sobre os moradores é bastante grande. Como um regional diz "certas pessoas vem aqui para ficar ricas, mas saem somente com um calção, nada mais. E vem com chapéu, camisa, e tudo. Saem com calção e nem chinela." Minha visita ao grupo foi um pouco dificultada porque o encarregado de Serinqueirinha foi meu guia para chegar ao Bananal. Foi bastante sensível, porém respeitando meu trabalho, e não insistiu em ficar por perto. Nisso ele foi diferente de encarregado e regionais do Breu.

2.4. Relações com instituições religiosas

Não há assistência por parte de nenhuma instituição religiosa. Faz muitos anos que não aparece um padre no Baje, e há uma certa preocupação porque todos os filhos são pagãos, e quase ninguém é formalmente casado - uma distinção que foi rigidamente feita pelos meus informantes (entre "casados" e "juntos").

3. Composição Familiar

A composição de cada casa, enquanto foi possível conhecê-la, aparece no anexo 2. A população das famílias levantadas, excluindo espíritos regionais (Cariú) mas incluindo filhos dessas uniões, é de 15 pessoas. O Diagrama através de idade está apresentado abaixo, mas as idades são aproximações pois não vi a maior das pessoas. É possível que haja também algum indivíduo morando com filhos de criação, mas acredito que este levantamento esteja bastante correto. A população é jovem e está crescendo rapidamente.

A população Janinaua-Arara

Idade em anos	Masculino	Feminino	Total
60 a mais	03		05
50 a 59	04	03	07
40 a 49	01	03	04
30 a 39	07	09	16
20 a 29	12	09	21
10 a 19	17	22	39
0 a 09	29	31	60
TOTAL	73	79	152

110
M
27

.20

Moram em casas típicas da região, quanto à forma de construção. Cada casa abrange em média um casal, seus filhos, filhos de criação, e filhos de certos parentes. Na colocação Bananal, das três casas que formam uma unidade (vide diagrama) somente a de Crispim tinha varanda, e era ali que se realizava todas as reuniões. As outras casas eram fechadas na frente, e abertas atrás. A vida comunitária do Bananal estava centrada na casa do Crispim.

4. Informação social e cultural:

Os dados de que dispomos são poucos quanto a este assunto. Não foi possível investigar a estrutura de uma comunidade tão dispersa sem ter muito mais tempo à minha disposição. Ficou claro que a figura que manteve o grupo coeso, embora (talvez) também se ja parcialmente responsável para sua desintegração foi Crispim. Depois de Crispim, a autoridade parece reverter para a autoridade doméstica de cada família. Em termos de religião, vários são nominalmente Cristãos e não participam de festas originais dos grupos. Além de Crispim e talvez Pedro, não tomam ayhuasca. Os jovens dizem que não falam a língua indígena, mas a entendem.

O que não vi, mas procurei rapidamente descobrir foi o que identifica o grupo. Como não é uma língua, nem uma identidade étnica, apoiada numa endogamia, nem num sistema religioso, é difícil achar. No momento os laços entre as pessoas que moram no Bajé e os outros representados com laços de parentesco. O próprio Crispim diz que foi criado por Absolom Moreira, e não conhecia uma língua indígena até voltar e casar. Ele não era portanto, um representante de uma tradição mais antiga, mas outro tipo de pessoa. A situação me parece complexa do ponto de vista acadêmico, e não queria dar palpites no escuro.

Como não foi possível estabelecer de que consta o grupo levantado, devo pelo menos mencionar que eles são identificados - como falantes de uma língua desconhecida pelos regionais - que (os regionais o percebem) eles usam com uma arma de defesa. Tem fama de comer coisas "esquisitas" como rã, sapo, e também por falta de higiene na cozinha. Há então, uma percepção dos índios Arara-Jaminaua como sendo diferentes, e os filhos destes com regionais são também considerados "cablocos".

5. Atividades Econômicas

Os Arara-Jaminaua cortam seringa que trocam a crédito no barracão, onde compram mercadoria. Eles também "tiram fora" - uma quantidade de seringa que vendem em troca de mercadorias impossíveis de obter no barracão. Reclamam que o patrão é muito ruim, e dizem que sairiam se não fosse o Crispim que recusa sair. Plantam

roças de mandioca, milho, banana, cana e outras coisas em pequena quantidade. Essas roças são para consumo local - não há mercado para a venda de produtos de roça.

A proteína vem da caça, relativamente abundante nos "centros" de ovos de galinha e de galinhas. A caça mais comum era viado, porco do mato e anta. Quando nós estivemos lá havia pouca galinha, todas brotinhas. Não havia porcos. A vaca que tinham foi abatida por ordem do patrão (como me informaram). Em geral, em termos de criação a colocação Bananal era mais pobre do que as colocações dos regionais.

Processavam mandioca, para fazer farinha, numa casa de farinha comum que se localizava no centro do povoado.

A região tem madeira de lei, mas é muito difícil extraí-la, por causa do pequeno porte dos igarapês e do próprio Bajé, só tornando viável, provavelmente, quando houver estradas para caminhões.

Devo assinalar que o equipamento de caça era do mais velho possível e imaginável. As roupas estavam rasgadas, e tudo indica que as reivindicações contra o patrão tinham alguma razão: estavam em condições materiais piores do que as outras pessoas que vi no Abre - que não estão muito bem em geral.

6. Situação Sanitária

Não há assistência médica, nem programa de vacinação. A Campanha para Erradicação da Malária visita as casas de vez em quando. Não vi sinais óbvios de desnutrição, nem de lepra. O sarampo continua matando muitas pessoas na região, e as outras doenças incluem malária e disenteria. Precisam urgentemente de um esquema de vacinação. Reclamam da falta de remédios; dizem que estão sendo abandonados à morte.

7. Situação Educacional

Não há escola no seringal, nem no Tejo. Na idade de ouro da seringa havia uma. Crispim representou o grupo durante muito tempo, pois frequentou a escola no Rio de Janeiro; lê com facilidade e escreve. Mas acho que não ensinou nada a ninguém.

8. Sugestões para uma política indigenista em relação aos Arara-Jaminaua do Rio Bajé, e rios Tejo, Nilo e Rio Branco

Em reconhecimento a demanda muitas vezes repetida de que a terra do Bajé é terra dos Arara, e que todos os membros do grupo, agora espalhados, nasceram nessa terra, é necessário respeitar essa solicitação e propor uma reserva para o grupo Jaminaua-Arara. Posso

dizer que acho difícil uma assistência efetiva na área até a construção de uma estrada, e insisto que uma mera demarcação sem um projeto de desenvolvimento comunitário (dando iniciativa aos próprios índios) é inútil. É possível que esses grupos sejam realocados numa reserva Jaminaua já proposta no relatório do DGPC de 1977, mas somente depois da morte do Crispim. Também dependerá de haver uma vantagem econômica nesta mudança. O rio Juruá-Mirim parece mais navegável do que o Bajé, mas o alto Bajé tem varadouro para todos os outros rios. A política de terras no Município de Cruzeiro do Sul poderia investigar com mais cuidado, uma vez demarcadas as terras, que tipo de projeto se poderia fazer em que lugar. A reserva proposta está indicado no anexo 4. Além do estabelecimento de uma reserva sugerimos o seguinte:

7.1. Deve começar imediatamente um programa de vacinacões. Este pode ser feito através de um convênio com o Projeto - Rondon de Cruzeiro do Sul.

7.2. Começar uma fiscalização do seringal para evitar que os Arara-Jaminaua sejam expulsos.

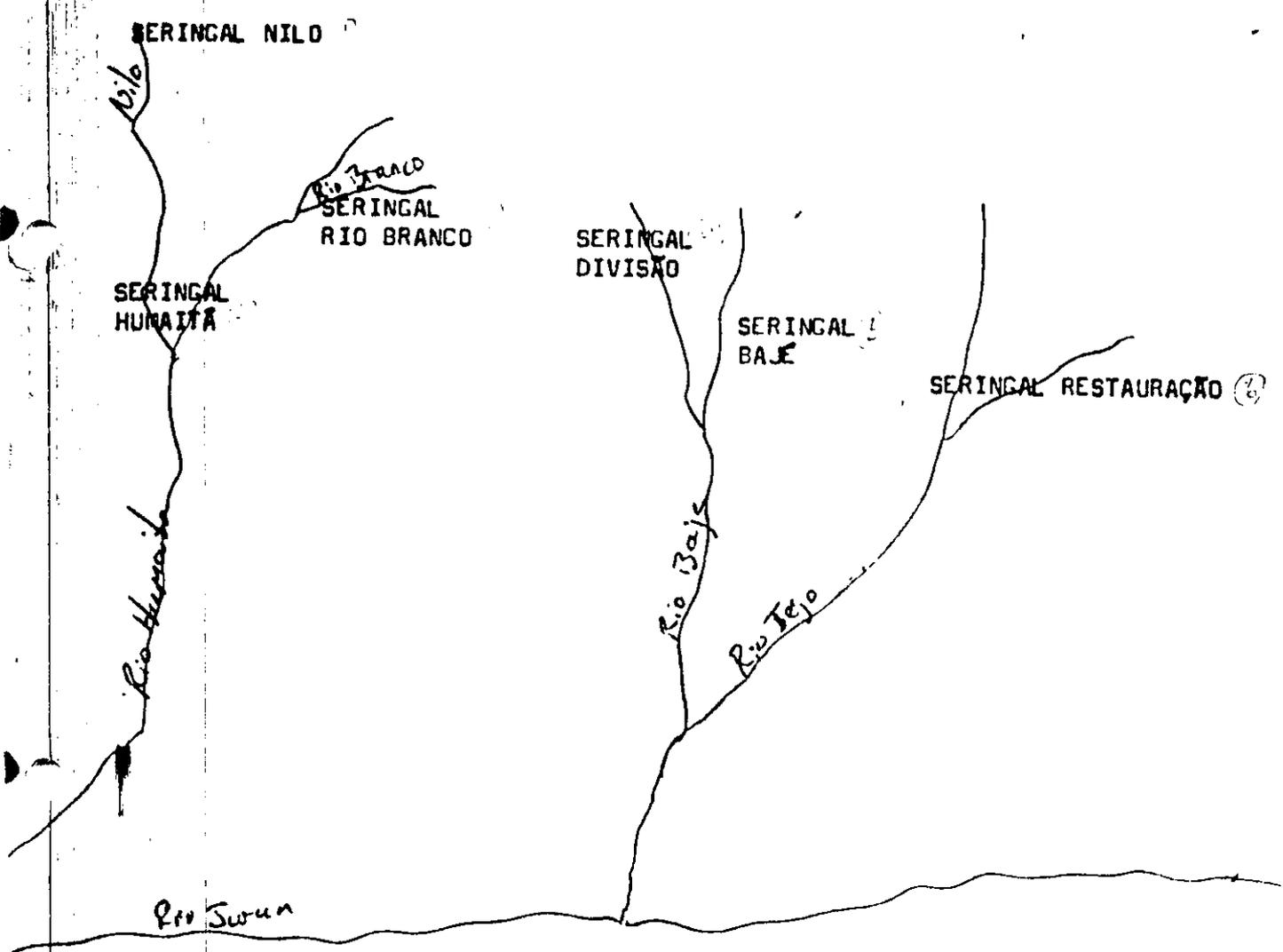
7.3. Pleitear uma reserva, e demarcá-la com a máxima urgência na região. Se isto não for possível, demarcar a reserva dos Jaminaua no Juruá-Mirim e começar um projeto, oferecendo aos índios a oportunidade de se deslocarem para aquela região. Não devem ser deslocados por simples decisão executiva, e devem ter o direito de continuar no seringal - sem sofrer pressão do seringalista.

X Informação sobre a posse de Terras:

Seringal Bajé, Santana Empreendimentos Agropastoria S.A.
Alameda dos Santos 1.893, 11º andar
São Paulo, S.P.
ÁREA: 99.449.150 m²

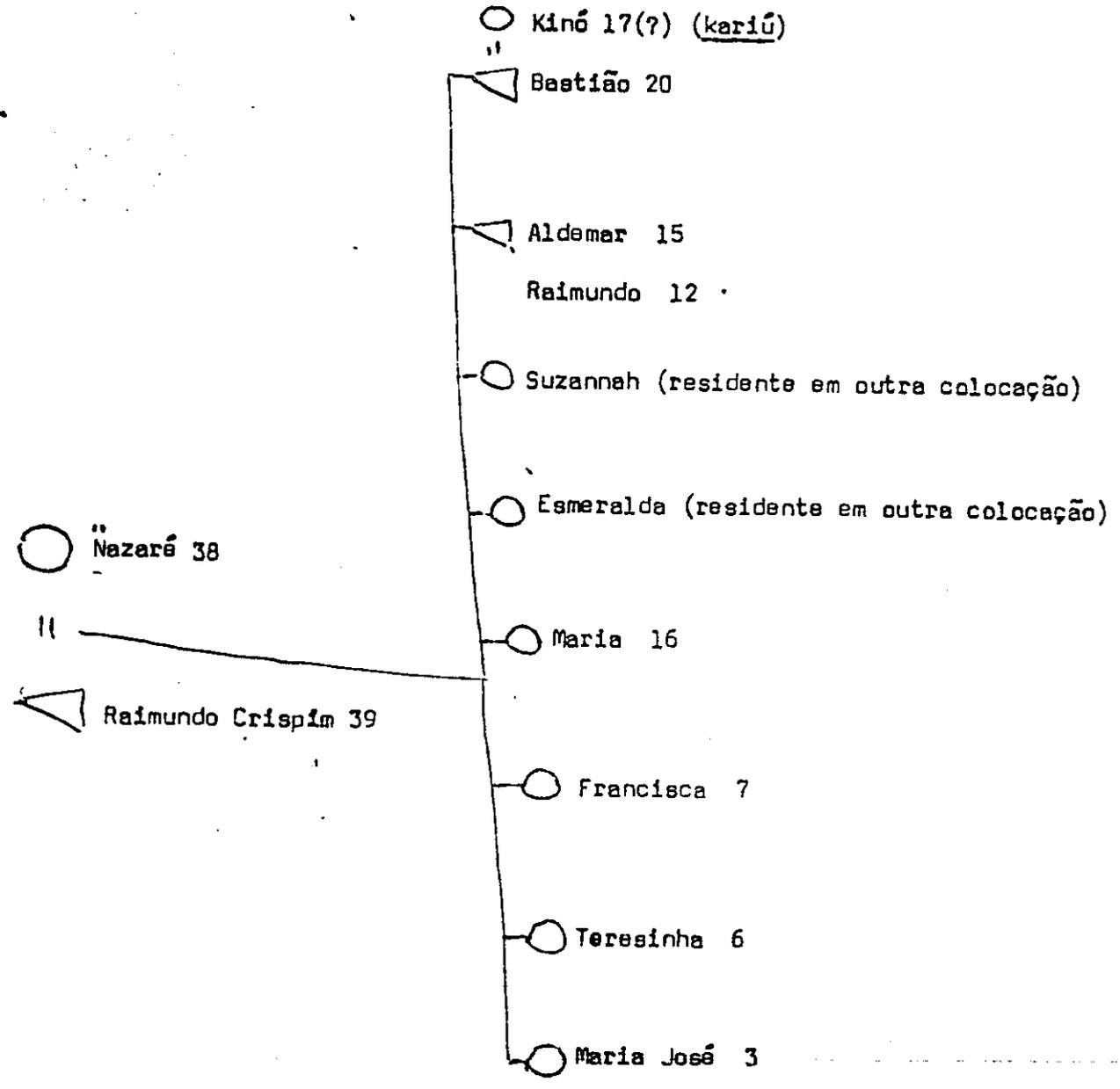
Seringa Divisão, Francisco Braza Montenegro
Resido no Ceará, 20 estradas, 3 colocações
Encarregado

Nas páginas seguintes estão apresentados levantamentos por casa da população Jaminawa-Arara. As casas estão localizadas em termos da sua colocação, e ao seringal a qual pertence. A localização desses seringais aparece abaixo esquematicamente.

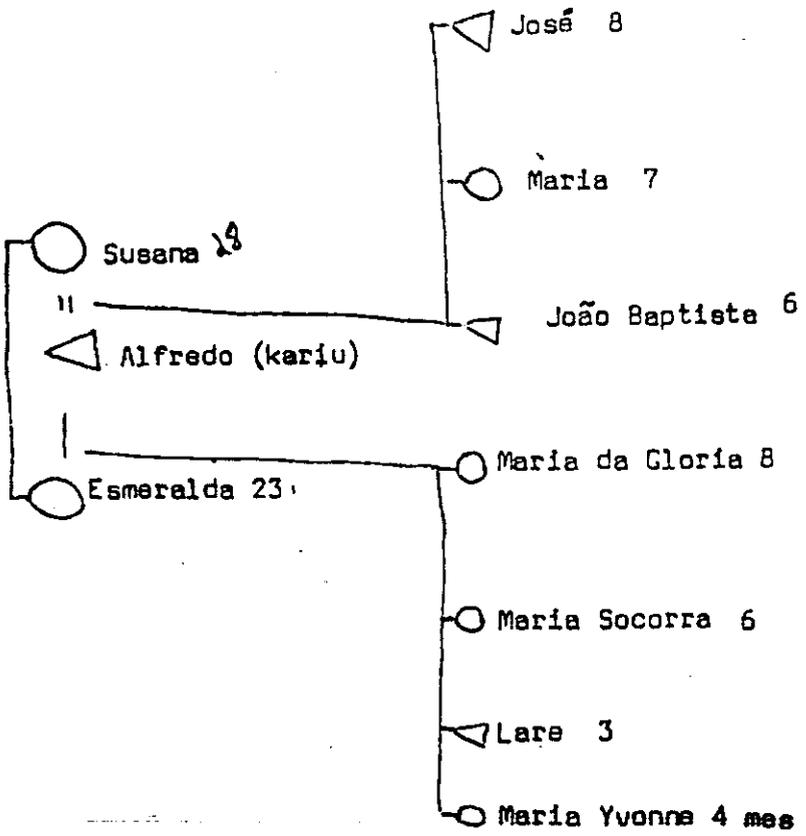


SERVIÇO DE REGISTRO
COLOCAÇÃO VIENA

Acervo
ISA
3124/18
22-5
11/56/78
31



SERINGAL RESTAL
COLOCAÇÃO ESTAJU



22
4456/98
32
3124/81
120
M

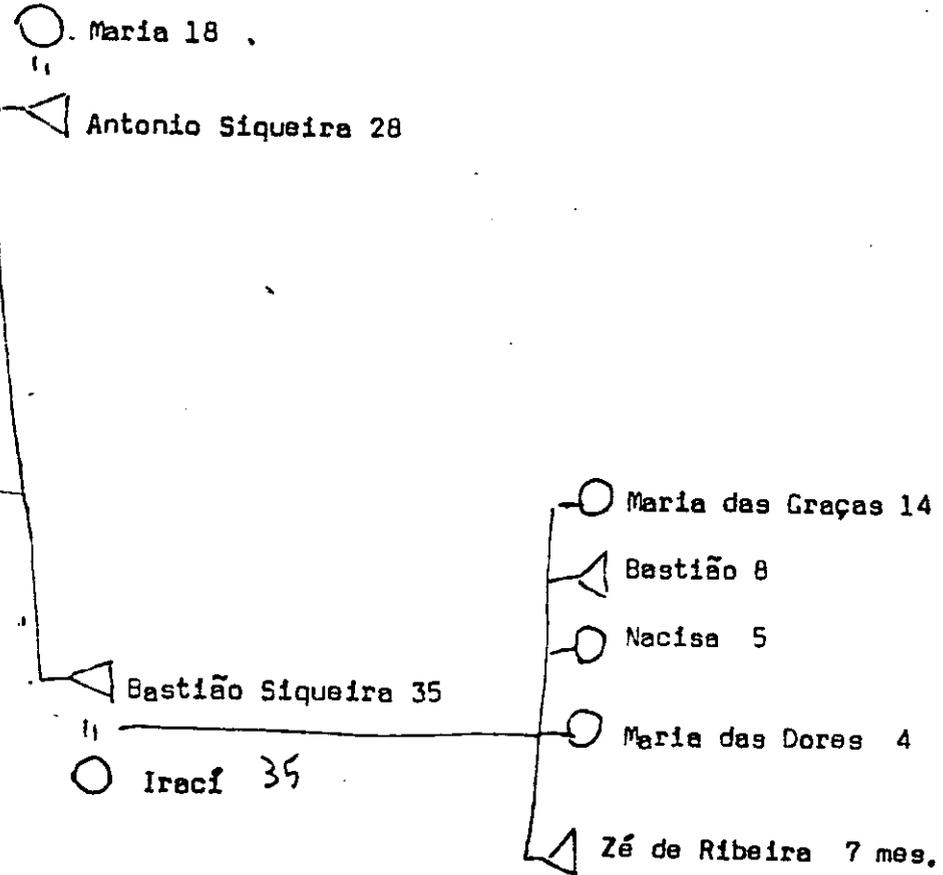
SECCIONAL RESTAUR
COLDCAÇÃO CALIFORNIA

3124/21
121

UNAI

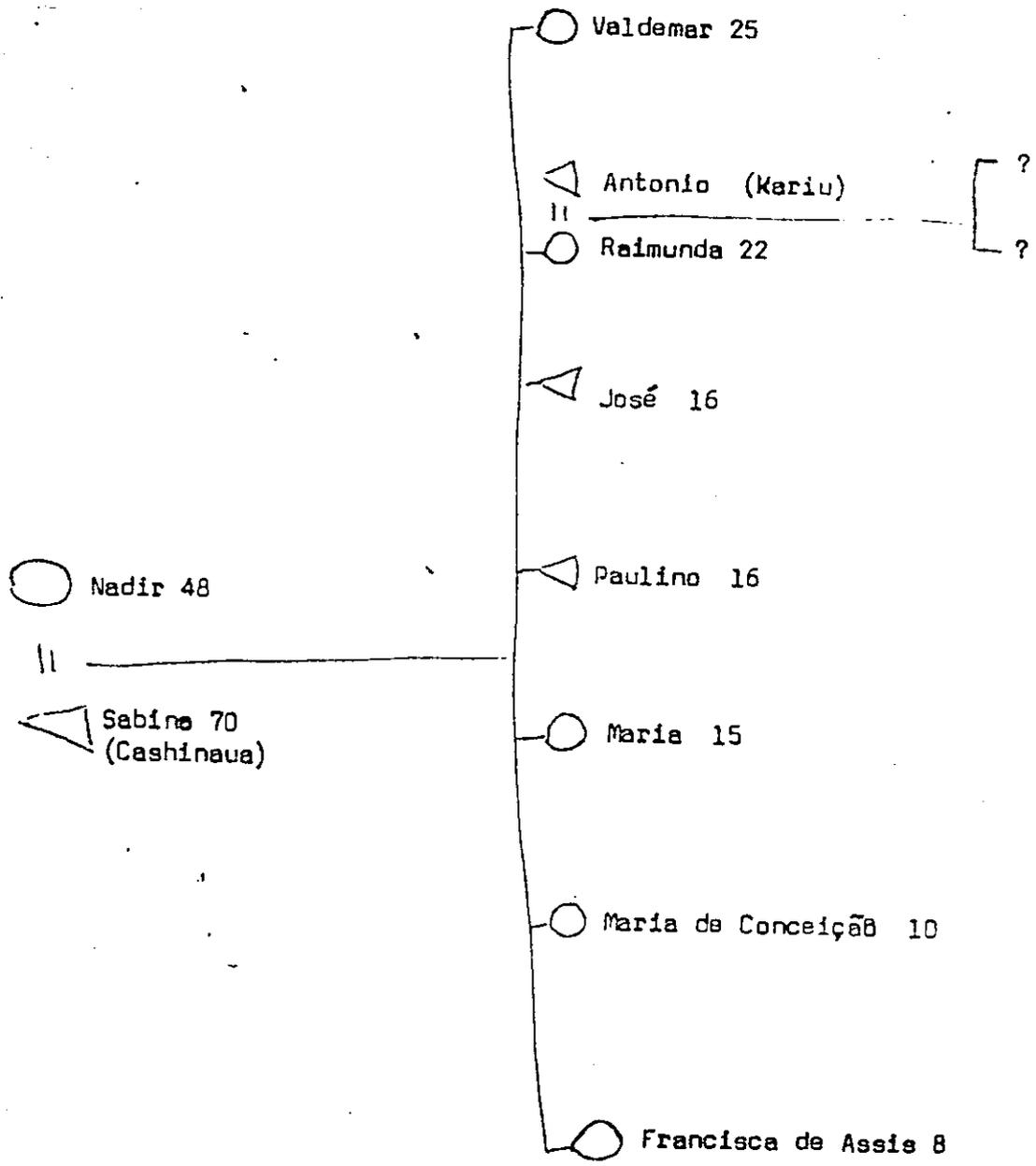
33

A=O



22-102
31.24/1
122
M
34
22-102

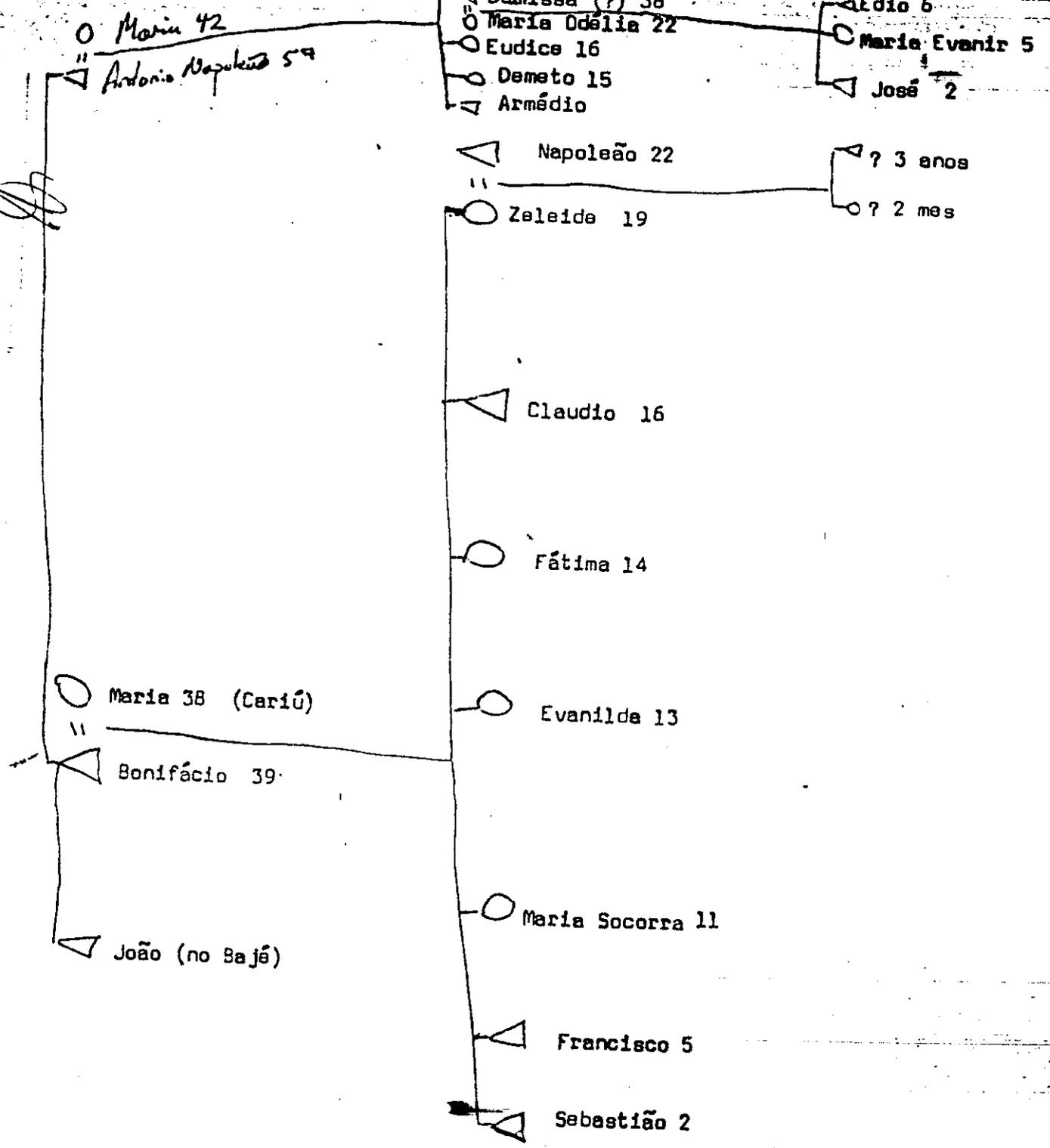
SERINGAL RESTAURAÇÃO
COLOCAÇÃO BEIRA ALTO



NO ALUENTE RIO BRANCO
COLOCAÇÃO CACHIMBO

22-F-
4456/48
35

3124/101
123
AM



FAMILIA DE NOGUEIRO

colocações seguem em página separadas

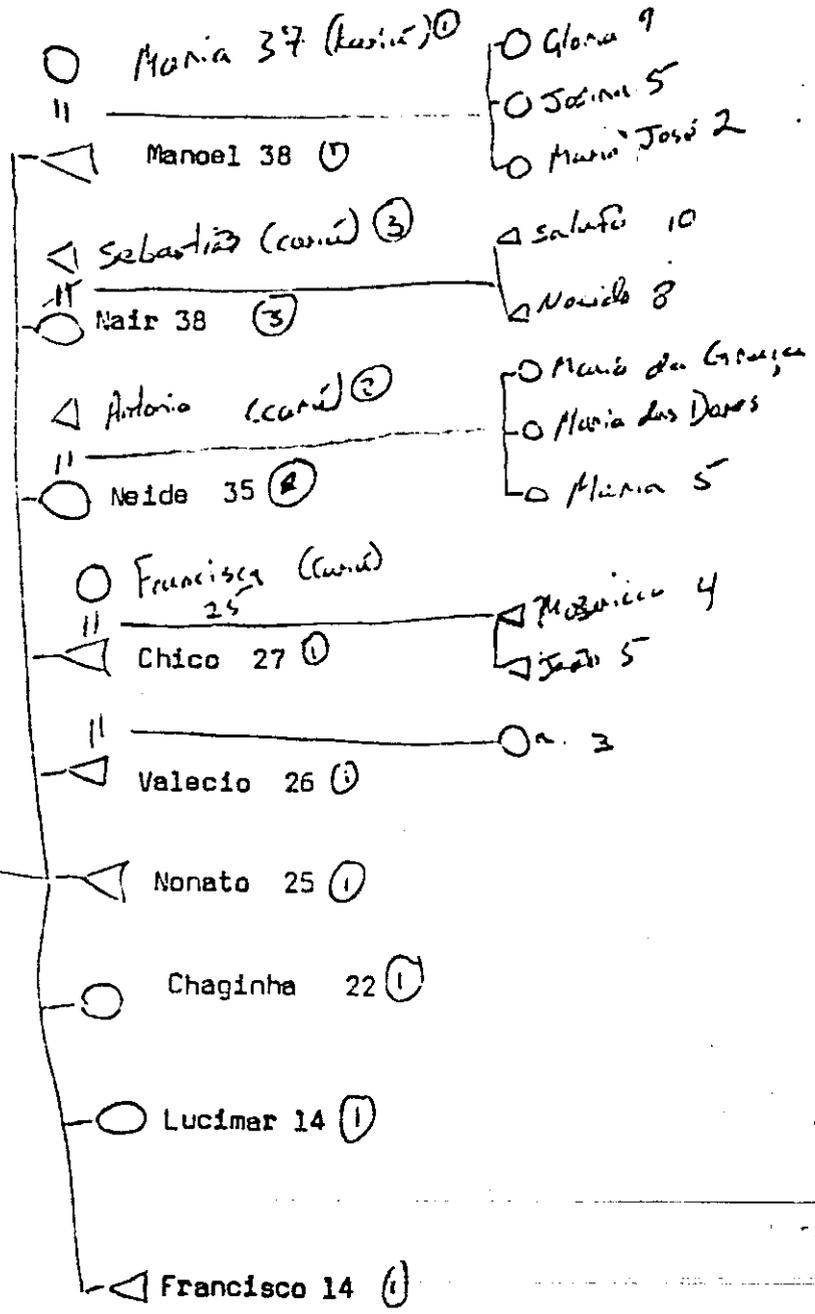
72-9
4456/78

3124/85
124 P. DE FUNDA
M. 36

- ① S Seringal Nilo
Colocações Boa Vista
- ② Seringal Nilo
Colocações Sulpado
- ③ Seringal Bom do Tejo (?)
Colocações Lagoinha

Rubrica

△ = ○
Joana 55
Nogueiro 59



A FAMILIA DE RAIMUNDO BASUSA

NAS PÁGINAS SEGUINTES VEM AS COLOCAÇÕES

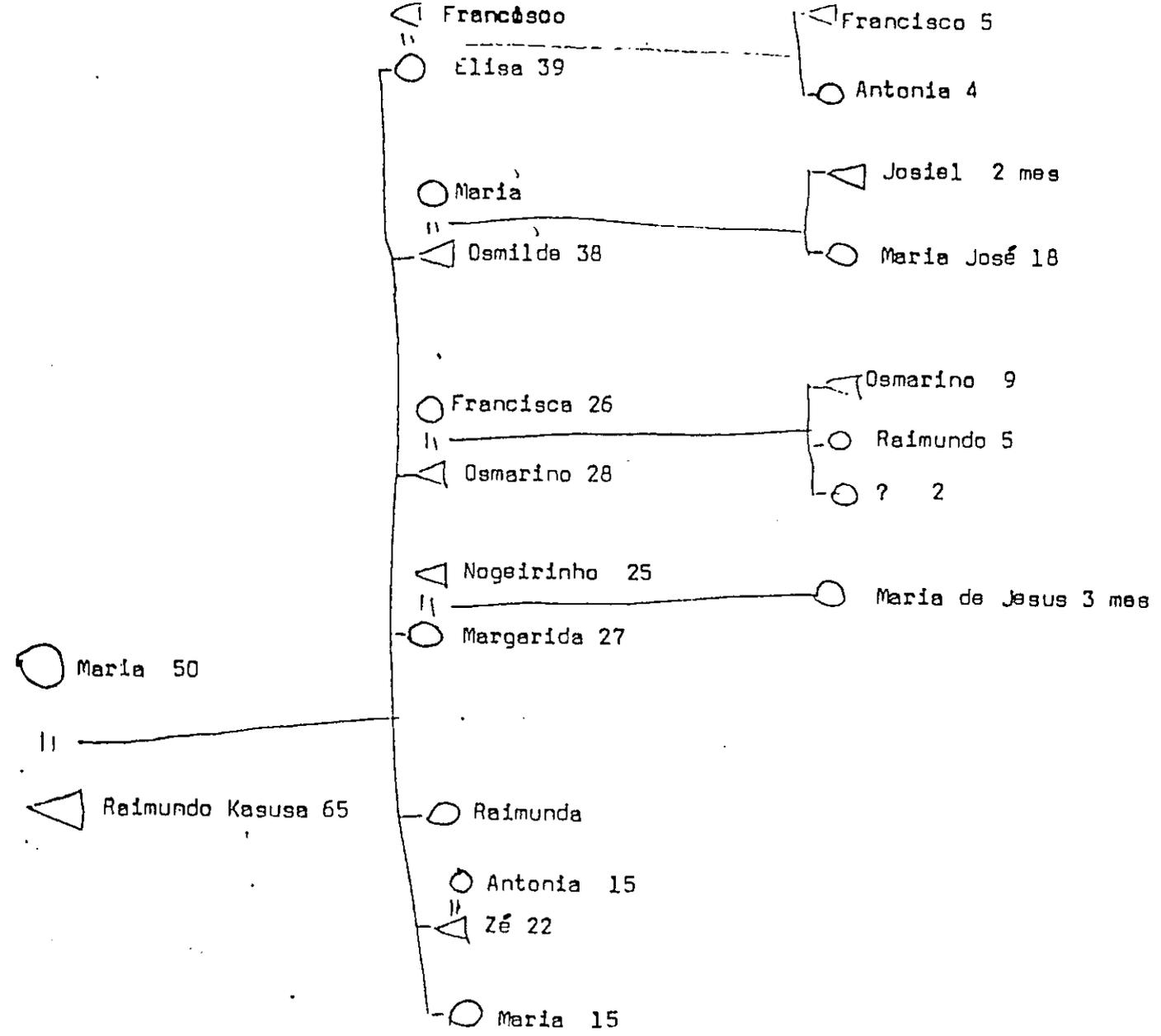
3/24/81

12

125

11/56/88

37



178/124/85
120 021

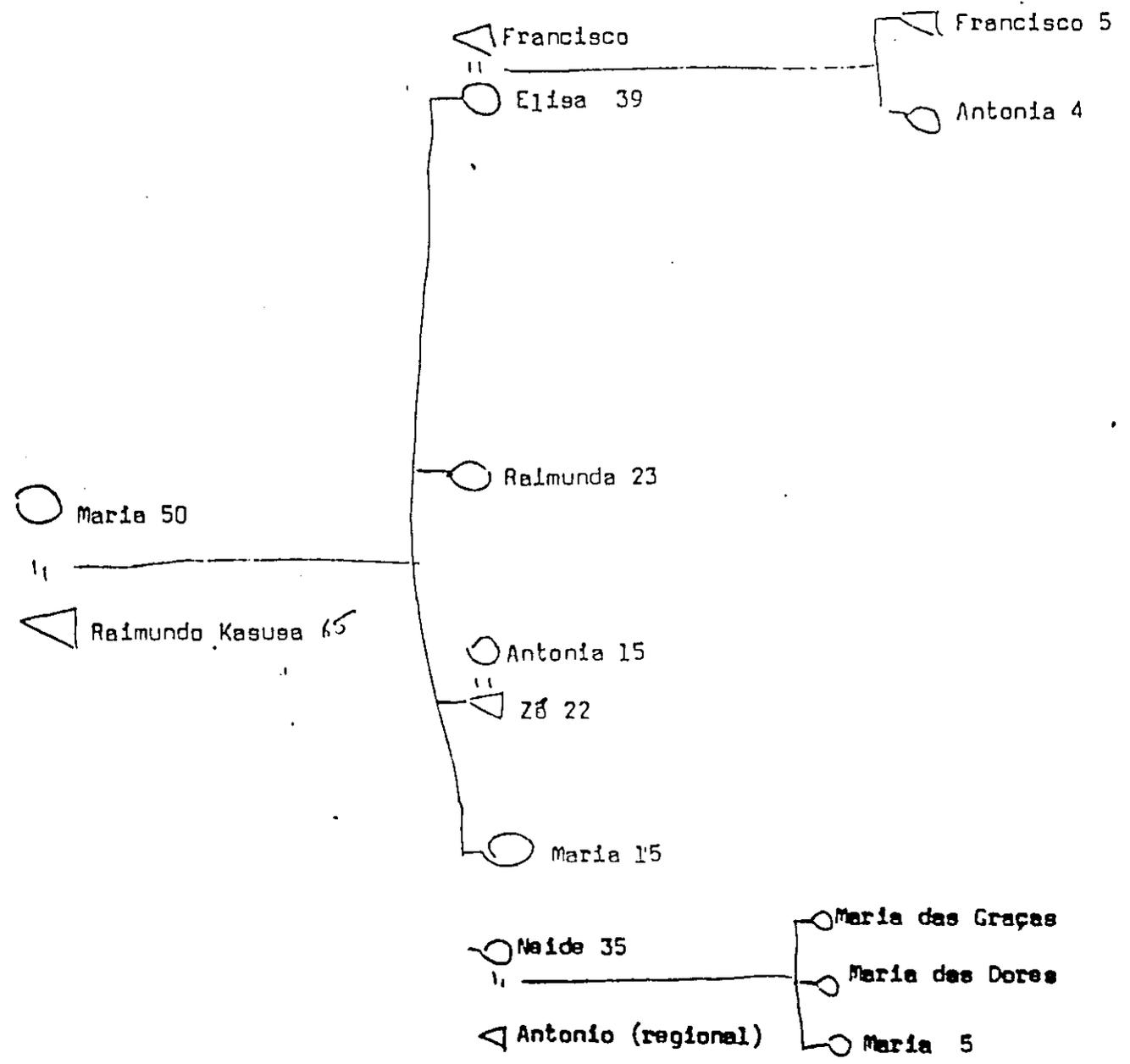
4456/78

385

[Handwritten signature]

SERINCAL NILO
COLOCAÇÃO SALGADO

8 4

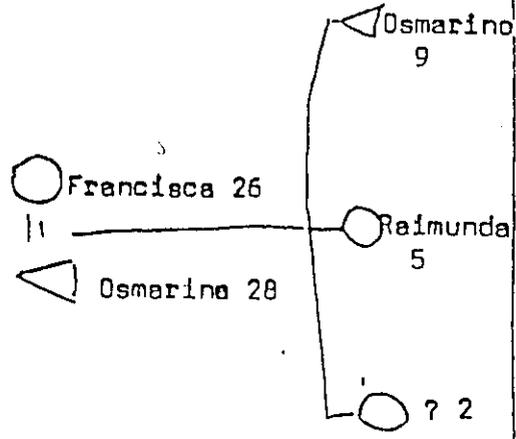


010

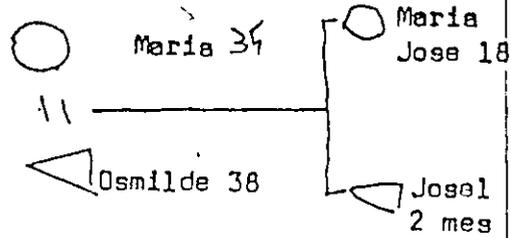
102

3124/01
127
Acervo ISA
22/02
18/6/78
56/78
39

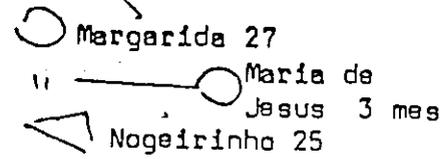
SERINGAL CRUZEIRO DE VALE
COLOCAÇÃO BREJO



SERINGAL RIO BRANCO
COLOCAÇÃO CRUZEIRO DE VALE



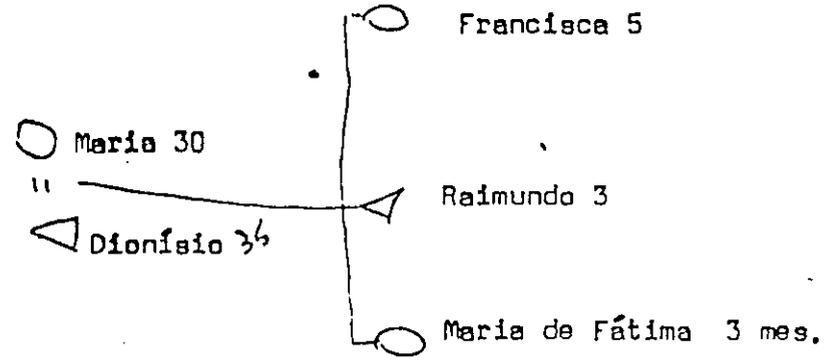
SERINGAL NILO
COLOCAÇÃO BOA VISTA



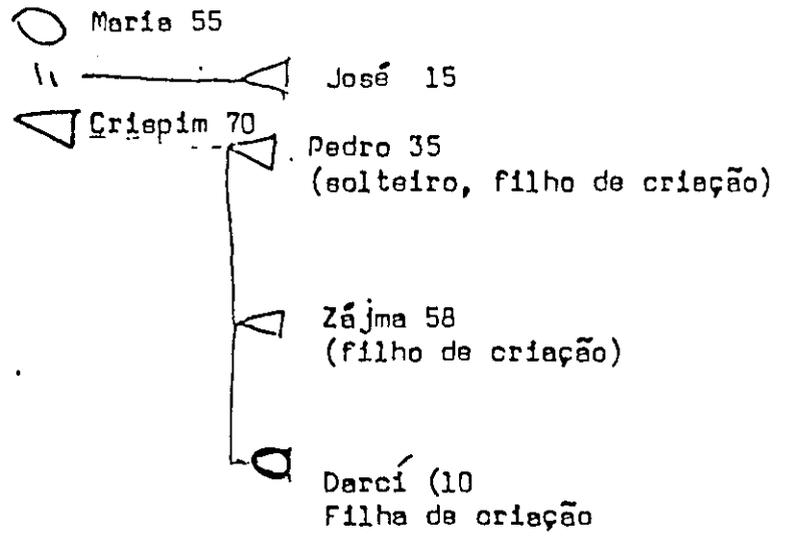
07

SERINGAL BAJE
Colônia B. S. M. M.

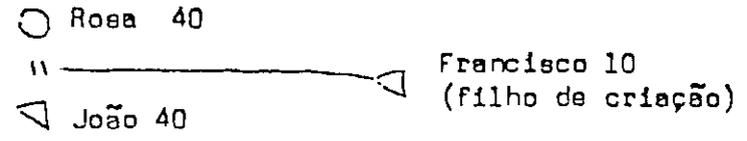
Casa # 3



Casa # 2



Casa # 1



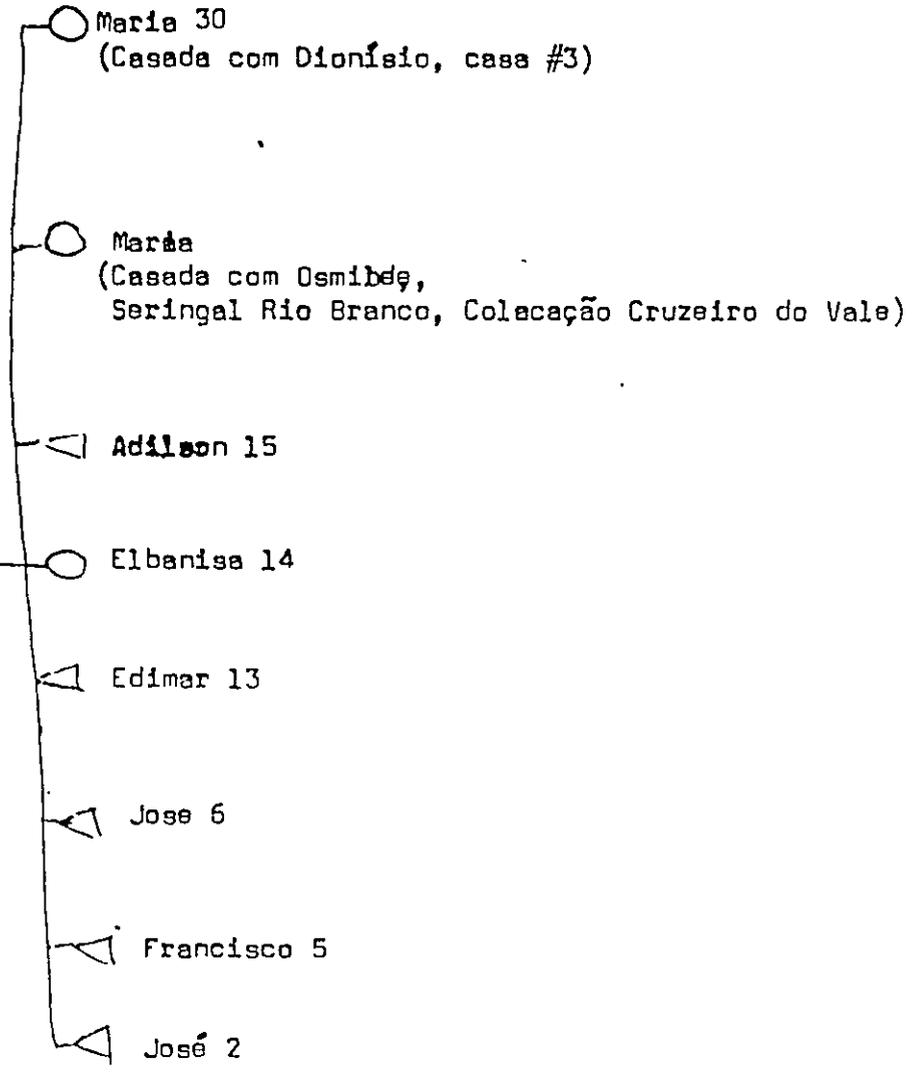
22-11
4456/78
42
M

3124
130
All

SERINGAL BAJE
G. Cavacis Benvenal

Casa # 4

A = 0
ceçilias



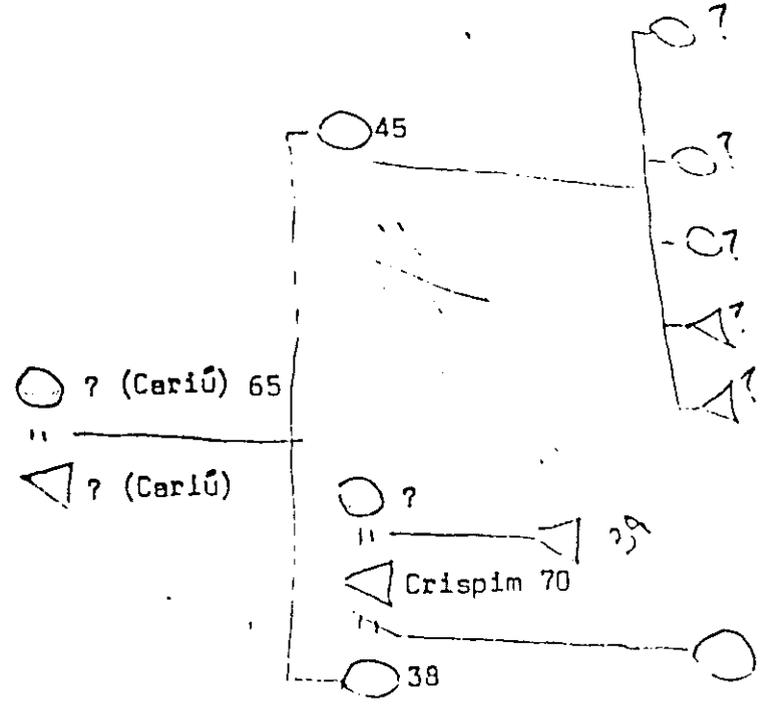
72

200

3124/PT 27-10
A 31
C 14
FISCAL 4456178
Fis. 43
Rubrica

SERIAL BAJÉ

7. Colocação Vira Volta



Conclusões3124/81
450/90
82
[Handwritten signature]

Em vez de recapitular o que já foi escrito sobre cada grupo neste relatório, achamos mais útil esboçar um plano de atuação indigenista na região do Alto Juruá, no município do Cruzeiro do Sul, Estado do Acre. Essas recomendações foram apresentadas, sumariamente, no início do relatório, e qui aparecem ampliados e concretizadas.

Plano a Curto Prazo

A curto prazo, problemas imediatos de saúde e ocupação de terras terão que ser enfrentados. Nossas sugestões são as seguintes:

1. O fortalecimento da Ajudância da FUNAI no Acre, tendo em vista que as medidas a serem tomadas, a prazo curto, dependem diretamente da capacidade de atuação dessa agência. O fortalecimento desta quanto a recursos e pessoal é, neste sentido, da maior importância e urgência. Devem ser procuradas pessoas que realmente querem trabalhar neste Estado, que podem enfrentar dificuldades (dos tipos descritos) com imaginação e determinação, tal como as pessoas que se encontram, atualmente, na Ajudância.
2. A FUNAI deve agir rapidamente, no sentido de uma transformação das terras, indicadas neste relatório, através de demarcação, em áreas indígenas de direito através das gestões jurídicas e burocráticas cabíveis. A situação de terras está mudando rapidamente na região do Alto Juruá; a maioria das terras são (oficialmente) devolutas, terras da União. O Incra não começou ainda a agir nessa área, embora tenha programas ativos mais perto de Cruzeiro do Sul. Tendo em vista a compra de terras por grupos agro-pecuaristas do sul, é imperativo que a FUNAI comece logo a pleitear essas terras em nome dos grupos indígenas que dentro delas residem.
3. Existe a necessidade premente de um programa de vacinação, especialmente contra febre amarela, sarampo, coqueluche, e tétano. Nós conversamos com a diretora do Projeto Rondon em Cruzeiro do Sul, Dra. Eunice Onishi. Esta se prontificou a fazer este serviço a pedido da Presidência da FUNAI, recursos necessários como combustível e material de vacina. Ela já presta serviços aos grupos indígenas mais próximos. Possui uma boa infra-estrutura com embarcação, dormitórios, e conhecimento da região. Qualquer projeto feito em convênio com ela deve ser supervisionado pela Ajudância do Acre.

4. Durante nossa viagem, ouvimos queixas dos Kaxinaua de pressões exercidas sobre eles por parte do encarregado (e, indiretamente, da seringalista Dona Ernestina); estão com medo de uma expulsão do grupo do Seringal Jacobina. Esta deve ser evitada através de uma fiscalização. Ouvimos as mesmas queixas com respeito aos Arara-Jaminaua os quais disseram que sua desintegração como grupo se deu por causa do encarregado do seringal Breu, Francisco Praxades Bessa. Eles estão com medo também da expulsão dos últimos membros do grupo dessa área que, dizem, é o lugar de nascimento de todos eles.

Os Índios Kampa reclamam mais da falta de um "bom patrão" do que de expulsão, mas com a nossa chegada ao Alto Juruá as pressões sobre os Kampa podem aumentar também.

Há assim, uma necessidade urgente de fiscalização para evitar a expulsão dos grupos indígenas das áreas que atualmente ocupam - e que em certos casos, estão sendo pleiteadas como terras indígenas. Uma vez essas sugestões estão conhecidas, vai crescer a grilagem de terras nas áreas. Uma presença inicial fraca da FUNAI na região pode acelerar a expulsão dos grupos e ocupação das áreas vitais para as populações indígenas do alto Juruá.

Essa fiscalização poderia ser feita através de um convênio informal com as autoridades civis e militares da sub-prefeitura sediada em Vila Taumaturgo, o vice-prefeito, Sr. Manoel Rodrigues de Araújo, já visitou a Ajudância do Acre por sua própria iniciativa. Este sub-prefeito, que é também o delegado, nos parece, em virtude das suas atribuições, capaz de preencher um papel importante neste sentido. Ainda assim, é preciso apontar a complexidade de tarefa, em virtude do jogo de pressões ao qual estas autoridades estão expostas por parte dos patrões regionais.

5. Existem sinais claros de um processo de espoliação do trabalho e dos valores do trabalho dos Índios Kampa--histórias a respeito de não pagamento de dívidas para com eles, por parte dos fazendeiros e seringaristas. Os grupos Kaxinaua e Arara-Jaminaua estão dentro do sistema do barracão no seringal, e os seringueiros regionais com quem falamos acharam que estavam sendo tratados pior do que eles, os regionais. A mera presença da FUNAI na região não vai diminuir um pouco essa prática, especialmente se a Ajudância do Acre se converter como um lugar de autoridades competentes para mandar reclamações pertinentes quanto à situação dos indígenas.

Plano a Médio Prazo

Os Kaxinaua, Arara-Jaminaua, e Kampa foram unânimes em reclamar não sobre a falta de terras para plantio mas sim sobre a

falta de um "bom patrão". Eles todos querem meios de obter industrializados que acham necessários para sua vida - sal, rolos, munição, etc. Os membros dos grupos indígenas no Acre movimentam-se muito, primordialmente em função da busca de um "bom patrão": quem tem muito e dá com generosidade. Por isto, adquirem sem interesse para os índios, e para uma política indigenista no Acre, o estabelecimento de áreas indígenas não dotadas de alguma forma capaz de preencher o lugar do "patrão". "A FUNAI vai precisar de um "patrão", no início. Um patrão é essencialmente um intermediário que traz mercadorias de Cruzeiro do Sul para as cabeceiras através do qual os grupos vendem seus produtos extrativos, e se preocupa com os "clientes" quando esses estão doentes ou precisando de algo. Este é um papel que a FUNAI preenche, em outras áreas, através de postos de atração e postos indígenas. Nessa região, com os grupos indígenas já inseridos de maneira periférica na economia regional, o papel tem que ser mais atenuada.

Isto não quer dizer que a FUNAI deva "tirar o couro" dos índios. Mas, se demarcar reservas sem atender os pedidos dos índios no sentido de uma atuação patronal (como descrita acima), os índios vão sair das áreas demarcadas indo para onde haja um "bom patrão", com resultados desastrosos para sua integridade socioeconômica. Por esta razão proponhamos que, a médio prazo, o estabelecimento de áreas indígenas seja acompanhado de projetos de desenvolvimento comunitário".

1. O Caso dos Kaxinawa. No caso dos Kaxinawa, recomendamos que um projeto amplo seja iniciado no Rio Jordão, facilitando a transferência voluntária do grupo de Kaxinawa do rio Teju para as terras demarcadas e garantidas do Jordão. Os membros deste grupo cortam seringa.

2. O caso dos Arara-Jaminãua. Neste caso, propomos que se reserve nos seringais Bajé e Divisão, lugar antigo desse grupo para a exploração de madeira de lei e seringa na região. Antes da chegada de este grupo vai ser difícil a exploração de madeira, por causa do tamanduá e do aumento dos igarapés nessas cabeceiras do Tejo. Mas um intermediário, vendendo seringa talvez funcionasse. Uma outra alternativa seria a mudança para o rio Juruá-Mirim onde o transporte é mais fácil e outros tipos de projetos seriam imagináveis. Mudaria provavelmente, se um projeto estivesse funcionando bem naquela região.

3. O caso dos Kampa. A área designada para os índios Kampa é de terras devolutas, quase sem regionais, e com bastante madeira de lei que os Kampa poderiam explorar numa fase inicial. Eles produzem certos gêneros agrícolas para venda em Taumaturgo, e poderiam continuar este tipo de atividade.

As áreas indígenas que indicamos neste relatório, são áreas que nos pareceram corresponder, não apenas às suas necessidades, mas também às suas aspirações, concretamente manifestadas e justificadas. É sempre possível (além, provável) que um ou outro indivíduo uma idéia diferente do que propomos. Devido ao curto período no campo e aos problemas de locomoção, não pretendemos ter conhecimento total e tão pouco negaríamos a possibilidade de que membros deste grupo mudem de idéia sobre as terras desejáveis. Mas nos dois casos em que pleiteamos terras, são terras de ocupação indígena antiga e de uso e residência atual de grupos indígenas.

Postos Indígenas. A presença efetiva da FUNAI implica o estabelecimento de pelo menos um posto indígena em cada uma das áreas a serem demarcadas. Através desses postos a FUNAI pode preencher as funções que na atualidade são desempenhadas pelos patrões. Obviamente com uma atuação positiva, em oposição ao papel dos patrões atuais, e visando uma eventual transferência da iniciativa, no âmbito da situação do contato, aos próprios indígenas.

Assistência Médico-Sanitária. Além dos programas de vacinação julgamos necessário implantar, nesta fase, um programa de assistência médico-sanitária permanente. Esta deve ter caráter primordialmente preventivo. O posto indígena deve estar equipado também para o atendimento de casos de emergência como afecções do aparelho respiratório, mordida de cobra, hepatite e doenças venéreas, além de tratamentos prolongados para os casos de tuberculose e Hanseníase.

Escolas. Os índios salientaram a necessidade de aprender a ler, escrever, e contar, pois isto lhes daria condições de evitar serem lesados nas transações com os regionais. Assim, parece indicado o estabelecimento de escolas nas áreas indígenas. A atuação dessas escolas deve fundamentar-se nos elementos pertinentes para a situação e os interesses dos grupos aos quais se aplica. Deve ao mesmo tempo prestigiar o uso e aprendizado da língua indígena que se constitui um fator fundamental da construção da identidade étnica.

3124 [?] FUNAI 1156/88
136 86 116
M

SUGESTÕES PARA DEMARCAÇÃO DE ÁREAS INDÍGENAS NO ALTO JURUA

Antes de tudo, devemos notar que esses mapas foram feitos em cima de mapas de RADAM, mas em tamanho um pouco reduzido. Por isto pedimos à seção de cartografia da FUNAI fazer uma relação desses pedidos em escala certa.

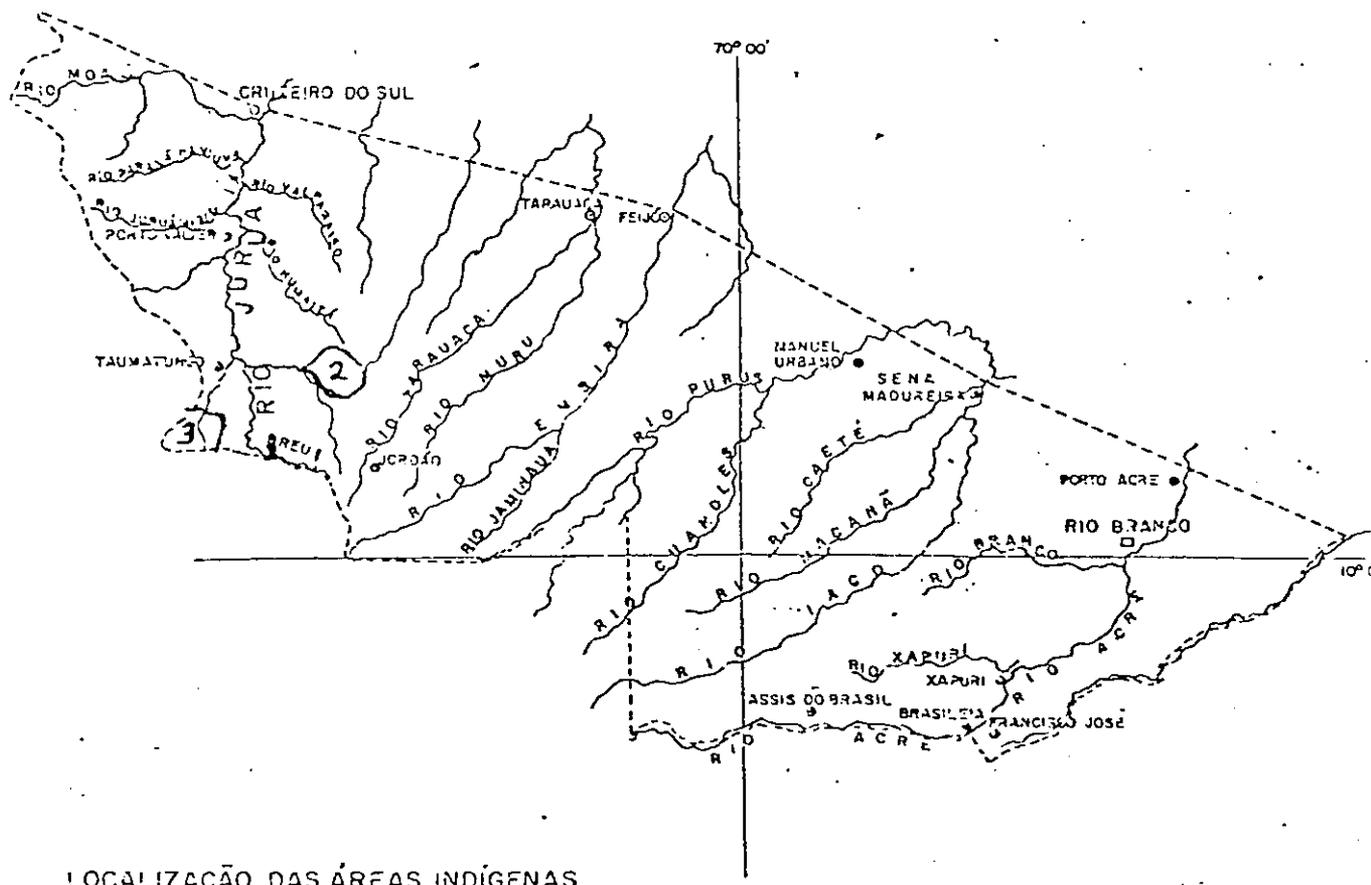
A situação atual das terras está elaborada no relatório e nos anexos.

3124/81 059
137
CW
4456/48
87

MAPA DO ESTADO DO ACRE MOSTRANDO LOCALIZAÇÃO DOS GRUPOS CONTATADOS E INDICANDO LOCALIZAÇÃO DAS TERRAS SUGERIDAS COMO ÁREAS INDÍGENAS

- 1 = Kaxinaua do Breu e Caipora
- 2 = Jaminaua-Arara do Bajó, Tejo, e Humaitã
- 3 = Kampa --no Breu e no Amônia

ESCALA: 1/5.000.000



LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS INDÍGENAS
CÓPIA DO MAPA GEOLÓGICO DO BRASIL

~~RELATÓRIO COMPLEMENTAR PARA A DELIMITAÇÃO E DEMARCAÇÃO DE~~
~~ÁREA INDÍGENA PARA OS ÍNDIOS KAMPA E JAMINAUA-ARARA DO ALTO JURUÁ, MUNICÍPIO~~
~~DE CRUZEIROS DO SUL, ACRE.~~

3124/87
139
CM

119

Anthony Seeger, Ph.D.
Professor Adjunto
Museu Nacional

Arno Vogel
Museu Nacional

Os dados referentes às populações indígenas do alto Juruá, apresentados aqui para fins de delimitação e posterior demarcação de áreas indígenas na região, foram colhidos durante a viagem de levantamento realizada em janeiro e fevereiro de 1978 pelos antropólogos Anthony Seeger e Arno Vogel (vd. Relatório de Viagem do Alto Juruá, Município de Cruzeiro do Sul, Estado do Acre, em Janeiro - Fevereiro de 1978). Neste relatório foram propostos duas áreas indígenas: uma para os índios Kampa e outra, seguindo os interesses dos índios em ter seu território tradicional, dos Jaminaua-Arara. O relatório contém uma discussão geral da situação atual desses grupos, e propõe elementos considerados básicos para uma política indígena na área.